

'Minha Mãe é uma Vaca' agrada no circuito de festivais



PÁGINA 3

Chorão ainda é uma voz ativa da juventude



PÁGINA 5

Dicas para preparar o bacalhau da ceia de Páscoa



PÁGINA 8

2º CADERNO

Brasil produziu menos filmes sobre a ditadura do que Argentina e Chile, países que também viveram períodos de arbítrio

Em dívida com a História

'O Que é Isso, Companheiro' (1997), de Bruno Barreto, chegou a ser indicado ao Oscar e tinha Fernanda Torres entre seus protagonistas

Por **Géssica Brandino e Vitor Antonio** (Folhapress)

Aonda de golpes de Estado que levou à instauração de regimes militares na América do Sul inspirou mais de mil filmes ao longo de 60 anos, mas o Brasil produziu menos histórias com essa temática do que seus vizinhos, mostra levantamento feito pela reportagem. Exceções são obras como "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, ganhador do Oscar de melhor filme internacional.

Ao retratar a ditadura ou tramas que se

passam no período desse regime, a Argentina, por exemplo, foi premiada duas vezes na mesma categoria do Oscar - em 1986, com "A História Oficial", de Luis Puenzo, e em 2010, com o "Segredo de Seus Olhos", de Juan José Campanella.

A produção cinematográfica brasileira sobre a ditadura é menor do que a de Argentina e Chile. Para especialistas em história e cinema, isso se explica pelo investimento em políticas de memória de cada país e também por parcerias internacionais.

"São países com políticas e soluções diferentes em relação à ditadura. Sabemos que a anistia no Brasil foi um acordo e é óbvio que isso também impacta a produção cultural

que opera nesse trabalho de memória", afirma o professor Eduardo Morettin, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

A reportagem coletou títulos cinematográficos mapeados pelos acervos da organização Memória Aberta, que reúne entidades de direitos humanos da Argentina, do Museu da Memória e dos Direitos Humanos, do Chile, do grupo de pesquisa História e Audiovisual, da USP, coordenado por Morettin, e do site TMDB, o The Movie Database.

Foram considerados filmes de ficção e não ficção com termos relacionados à ditadura na sinopse. Mais de 95% das obras tratam dos regimes ditatoriais da Argentina,

com 608 filmes. O Chile surge no ranking com 225, e o Brasil, com 189. A análise considera as coproduções com outros países.

Embora a maioria desses filmes trate da história de cada país, há exceções, caso do documentário chileno "Não é Hora de Chorar", de 1972. A obra aborda a ditadura brasileira por meio de depoimentos de revolucionários enviados ao Chile em janeiro de 1971.

A ditadura militar no Brasil foi de 1964 a 1985. A primeira reflexão sobre o golpe aparece no drama "O Desafio", de 1965, de Paulo César Saraceni. Filmado em 13 dias, a narrativa mostra o romance entre um jornalista e poeta de esquerda e a mulher de um empresário industrial. **Continua na página seguinte**

Divulgação



O astro portenho Ricardo Darín, ao centro, de terno azul, lidera o elenco de 'Argentina, 1985'

Divulgação



'O Conde', do chileno Pablo Larraín, transforma o ditador Augusto Pinochet num vampiro de 250 anos

Divulgação



'Paula, a História de uma Subversiva', de 1979, chegou a ser produzido com recursos da Embrafilme no período em que se ensaiava uma distensão no regime autoritário

Divulgação



Lançado em 1965, 'O Desafio', de Paulo Cesar Saraceni, foi o primeiro filme brasileiro a questionar a ditadura militar implantada no ano anterior

Fechamento da Embrafilme impactou a produção nacional

O auge da produção nacional de filmes de protesto é registrado em 1979, com 15 obras, a maior parte documentários e curtas, mas há longas de ficção como "Paula, a História de uma Subversiva". Produzido com recursos da extinta Embrafilme, o drama de Francisco Ramalho Junior analisa as consequências da ditadura para quatro gerações.

Morettin, o professor, diz que o fechamento da Embrafilme, em 1990, impactou o cinema no país. Apesar disso, há obras de destaque na década, caso de "O Que É Isso, Companheiro", de 1997, dirigido por Bruno Barreto e indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Com Fernanda Torres entre as protagonistas, mostra o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick.

Novos picos de produção foram registrados no decorrer dos anos 2000, o último em 2013, com nove filmes, o que os especialistas relacionam aos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, concluída em 2014.

Professor do departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Fernando Seliprandy afirma que, por muito tempo, o cinema sobre a ditadura foi centrado nas ações de resistência e testemunhos. Nos anos

2000, surgiram filmes sobre perpetradores e sobre outros perfis de vítimas que não as da classe média branca. "No campo historiográfico do cinema, 'Ainda Estou Aqui' é vinculado a uma pauta de memória que já não era a da vez, mas se torna um fenômeno social".

Na Argentina, os golpes de 1955 e 1966 antecederam a tomada do poder pelos militares em 1976, instaurando um regime que vai até 1983. No mesmo ano do golpe, ao menos cinco filmes críticos sobre o tema foram lançados como "Bandidos como Jesus", de Cristina Ruiz e Giampiero Tartagni, sobre a militância progressista na igreja católica.

Enquanto no Brasil a retomada dos filmes sobre a ditadura ocorreu em gestões petistas, a produção sobre a ditadura argentina tem maior fôlego sob os governos Cristina Kirchner, com cerca de 200 obras feitas de 2007 a 2015. Os picos de lançamentos foram registrados em 2016 e 2018, já sob Mauricio Macri, com 27 filmes em cada ano. "Os Kirchner adotaram a política de memória relacionada à ditadura como uma pauta. Foi criado um espaço de memória onde funcionava a Escola Superior de Mecânica da Armada, usada como centro de tortura na ditadura. O Brasil sempre teve uma política de memória

mais tímida", afirma Seliprandy.

Depois de conquistar dois prêmios Oscar, a produção sobre a ditadura argentina recebeu uma nova indicação em 2022, com "Argentina, 1985", baseado na história de procuradores responsáveis por processar autoridades da ditadura, obra estrelada por Ricardo Darín e Peter Lanzani.

No Chile, a ditadura de Augusto Pinochet começou em 1973, com o golpe ao governo de Salvador Allende, e terminou em 1990. Em 1975, críticas ao regime passam a aparecer em obras como "Chove Sobre Santiago", de Helvio Soto.

O professor Ignacio Del Valle-Dávila, do Instituto de Artes da Unicamp, afirma que muitos cineastas exilados em razão da perseguição do regime Pinochet produziram filmes sobre o Chile em outros países, o que permitiu que a ditadura do país se tornasse mais conhecida. "Há uma relação forte com

políticas de memória desenvolvidas por outros agentes culturais, que formam uma espécie de diplomacia cultural. Essas sinergias podem se traduzir em uma política pública que fomenta discursos sobre a memória histórica, favoráveis a surgimento desse tipo de filme."

O audiovisual chileno passou a receber investimentos apenas nos anos 2000, somando ao menos 155 filmes sobre o regime militar desde então. O pico foi registrado em 2015 e 2020, com 15 obras, o que Dávila relaciona a datas importantes sobre o tema no país. Em 2013, o filme "No", de Pablo Larraín, sobre a campanha pelo "Não" no referendo que questionava a permanência do general Augusto Pinochet no poder, conquistou uma indicação ao Oscar. Dez anos depois, o tema ainda rendeu "O Conde", também de Larraín, melhor roteiro no Festival de Veneza, que retrata Pinochet como um vampiro de 250 anos.

Katya Skakun/Divulgação



A diretora Moara Passoni no set de filmagens de 'Minha Mãe É Uma Vaca'

No rastro do amor maior

Celebração do feminino numa viagem ao Oeste brasileiro, 'Minha Mãe É Uma Vaca' se impõe e vence o prêmio de Melhor Curta do Bafici, consagrando sua diretora Moara Passoni

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Terminado o Bafici, na Argentina, onde prevaleceu diante de produções internacionais de voltagem autoral alta como único título brasileiro em concurso, "Minha Mãe É Uma Vaca" conquistou o prêmio de Melhor Curta do festival portenho e agora vai engatar uma excursão por outros festivais internacionais, agora da Europa. O circuito começa na Bulgária, segue por Huesca, na Espanha, e senta praça em Budapeste, na Hungria.

Depois, a saga de amadurecimento filmada por Moara Passoni flana entre Japão, Inglaterra, Estados Unidos e Arábia Saudita.

Sua sorte foi lançada em Veneza, em setembro do ano passado, antes de um debut nacional no Festival do Rio. Estocolmo, El Gouna e Chipre se dispuseram também a aplaudir o roteiro escrito pela cineasta em duo com Fernanda Frotté. O filme impressionou Buenos Aires pela delicadeza com que narra vivências no Oeste do Brasil.

Elogios exaltaram a direção de arte de Isabel Azevedo e a fotografia de Carolina Costa. Em sua

trama, a jovem Mia (papel de Luisa Bastos) espera notícias do paraíso da mãe. Longe da proteção materna, a menina é deixada aos cuidados da tia, imersa na paisagem mítica do Pantanal. Sob a ameaça de onças e queimadas, ela descobre que o amor pode se manifestar de maneiras inesperadas.

"Como uma diretora de cinema nascida e criada no Jardim Ângela, em São Paulo, eu só consigo fazer filmes se tiver muito apoio. E os apoios é que permitiram esse curta existir", disse Moara ao Correio da manhã, lembrando o quão fundamental foi a colaboração de Ernie Shaefer, da Mano Santa, companhia de pós-produção no México, trazido para o projeto por Sofia Geld e Daniel Liu, produtores na Uvaia Filmes.

"Foi um processo desafiador de correção de cor à distância, testando mil formas de sincronizar telas entre México e Brasil para que o trabalho se desse. Nesse momento, novamente voltamos à primeira paleta de cor que produzimos para o filme, e às referências, quase plano a plano, do que estávamos tentando atingir, além de (ter) várias conversas sobre o mood do filme e sobre que emoção estávamos tentando evocar em cada momento. Foram diversas sessões espaçadas no tempo, conforme as janelas que Ernie tinha disponível. Foi o que permitiu que a imagem respirasse entre uma sessão e outra de correção de cor e que, aos poucos, fossem en-

contrando o colorido do filme".

Hoje envolvida na criação de uma série sobre a Democracia Corinthiana, Moara foi parceira profissional da documentarista Petra Costa em "Apocalipse Nos Trópicos" (2024), projetado em Veneza, e em "Democracia Em Vertigem" (2019), que concorreu ao Oscar. "O documentário me ensinou muito sobre contar histórias em diálogo com o outro, com a realidade, e me ensinou brutalmente sobre formas de narrar no cinema. Como alguém que vem do documentário e de uma formação em Ciências Sociais, esse diálogo é das coisas mais importantes para mim. No caso de 'Minha Mãe é uma Vaca', o filme é baseado em uma memória de infância. Quando eu tinha por volta de onze anos, passei três meses na fazenda de uma tia, no meio do Pantanal, descobrindo e me encantando com aquele lugar. Aos poucos, o pânico com a possibilidade de morte de minha mãe foi se esvaindo e a descoberta daquele local foi tomando conta", lembra Moara.

"O curta foi primeiro escrito a partir dessa memória. Em meio a isso, uma experiência me marcou profundamente. Uma vez por mês, eles carneavam um boi ou uma vaca para alimentar todo mundo que vivia na fazenda. Quando estava lá, laçaram uma vaca que fugia com todas as forças, e a carnearam. Testemunhar a vida se esvaindo do olho daquela vaca me marcou profundamente. E, logo, a informação

de que ela estava grávida tornou aquilo tudo ainda mais intenso. Num primeiro momento, esse era o núcleo da história que eu ia filmar".

Respeitada como realizadora pelos filmes "Êxtase" (2020) e "Francesca" (2017), Moara conta que, quando chegou ao Pantanal, para filmar "Minha Mãe É Uma Vaca", encontrou uma nova prática da pecuária. Havia uma lógica onde o fogo gerado de forma artificial - para abrir espaços para pasto e gado - começava a cercar cada vez mais aquele lugar que, até então, parecia um paraíso.

"Perante essa realidade transformada, reescrevemos o roteiro a partir de conversas com pessoas que habitavam a região. O próximo passo, foi a filmagem, onde praticamente todas as falas foram improvisadas pelas pessoas que atuaram no nosso filme. Eu nunca dei o roteiro para ninguém que atuou. Eu propunha situações e perguntavam como fariam tal coisa, como fariam tal coisa", diz Moara. "Em primeiro lugar, o filme fala do maior amor, do amor de mãe. E, no caso da Mia, o que ela faz com a vaca Amorosa (assim batizada por Seu Zé da Reserva Caiman) é o que ela queria ter feito com a mãe, sem conseguir: salvá-la. Em meio ao desafio de lidar com a finitude, com a morte, está o amadurecimento de Mia. E a vinda da primeira menstruação é, sem dúvida, um ritual de passagem. O sangue, aqui, surge em um momento de transformação, uma explosão de vida. Como mulher, para mim o sangue não tem o sentido da destruição, mas sim de um ciclo, em que entro em contato e me dou conta do meu próprio corpo. O único sangue no filme pertence a Mia, e não ao gado, nem aos animais feridos, nem às pessoas mortas. Essa escolha ressignifica a narrativa: em um mundo que apaga vidas em nome do lucro, um ato radical nasce da ligação profunda de uma menina com uma vaca. Real? Imaginária? Talvez. Mas o que me interessa aqui é que essa experiência a impulsiona a tomar uma atitude inesperada e radical que, no fim, transforma sua percepção de si. O sangue irrompe como uma força de vida".

ENTREVISTA / BEATRIZ SALDANHA, CRÍTICA, PESQUISADORA E CURADORA

'Temos mais mulheres fazendo filme de horror'

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

É o último dia para curtir a retrospectiva "Mestras do Macabro" no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio (CCBB-RJ). A derradeira sessão da mostra rola às 18h, com "O Cemitério Maldito" ("Pet Semetary", 1989), de Mary Lambert. A curadoria arquitetada pela crítica Beatriz Saldanha segue até o dia 21, no CCBB SP. Seu recorte reúne joias da tcheca Vera Chytilová; das francesas Claire Denis e Julia Ducournau; da francesa Jennifer Kent; da japonesa Kei Fujiwara; de muitas diretoras autoras nacionais. Na entrevista a seguir, a pesquisadora explica o quanto a seleção que construiu expõe a quebra de cânones num gênero regado a medo.

De que maneira o terror contemporâneo flagra e dribla os conflitos morais, como o sexismo? Acerca da correção política, como o horror se posiciona, sobretudo na seara do gore?

Beatriz Saldanha: Isso é uma escolha pessoal de cada diretora, além do meio onde ela atua. As francesas - Catherine Breillat, Julia Ducournau e Coralie Fargeat - até hoje são conhecidas por terem uma abordagem um pouco controversa no que diz respeito à sexualidade e à nudez, bem como a outros tipos de questões morais, e eu associo isso à tradição do cinema de autor que segue muito forte na França, além de uma certa indiferença em relação aos temas sensíveis no contemporâneo. O que não quer dizer que sejam sexistas. Muito pelo contrário, mas me parece que a sensibilidade delas para essas questões é diferente de boa parte do restante do mundo, que parece muito mais antenado aos debates que vêm acontecendo sobre a exploração da imagem feminina dentro do cinema. Hoje em dia, no horror contemporâneo, continuamos tendo o exemplo do "gore pelo gore", como "Terrifier 2", de Damien Leone, que é flagrantemente misógino, mas também há obras que vão literalmente mostrar um banho de sangue, como "A Substância", para discutir questões de gênero e poder.



Que novas estéticas do medo - autorais - se fizeram notar com o aumento do número de diretoras de terror?

Também nesse sentido, eu voltaria a destacar as francesas e a estética da violência, com filmes mais gráficos que vão tocar muito na temática do corpo (canibalismo, transformações corporais como metáforas para a puberdade e o desejo, a violação do corpo), mas, no geral, a estética varia bastante de realizadora para realizadora.

Qual é o pilar feminista do terror e de que forma a mostra põe em foco as bases da representatividade feminina por trás das câmeras do gênero?

Eu não sei se existe um pilar feminista do terror. O que há são mais mulheres com acesso aos meios de produção e, por isso, temos mais mulheres (assim como mais pessoas negras, mais pessoas queer) fazendo horror, o que proporciona maior diversidade de olhares. De modo geral, o que me chama mais a atenção na produ-

ção contemporânea feita por mulheres é uma abordagem mais complexa das personagens femininas, que passam de personagens com uma perspectiva fechada (da mocinha virgem ou da vilã abjeta) para protagonistas multifacetadas, muitas vezes anti-heroínas, mulheres com qualidades e defeitos como qualquer pessoa. A ideia da mostra não foi mostrar filmes com um discurso unificado. Isso nem seria possível, pois eu parti da ideia de trazer filmes de diferentes períodos, origens e contextos de produção. O meu objetivo foi, antes de tudo, mostrar como esses filmes tão distintos entre si apresentam uma riqueza temática e estilística, e como essas mulheres dominam a arte do macabro tanto quanto os diretores que, por décadas, formaram o cânone do horror. É evidente que, muitas vezes, percebemos nestes filmes características que não encontramos normalmente em filmes dirigidos por homens, como, por exemplo, a nudez e a sexualidade para além da mera exploração da imagem da mulher.

De que forma os fantasmas políticos das Américas, sobretudo das ditaduras, transparecem nos filmes das mestras do terror do presente?

No filme "Corpo" (2007), de Rossana Foglia e Rubens Rewald, esse tema surge por meio de um cadáver que aparece intacto entre as ossadas de vítimas da ditadura militar, sugerindo de maneira metafórica que este é um assunto que está longe de ter sido resolvido na nossa sociedade. "O Segredo da Família Urso" (2014), curta de Cíntia Domit Bittar, usa elementos dos contos de fada para falar dos horrores da ditadura pela perspectiva infantil. Apesar de ser um tema profundamente rico e forte, ele ainda não foi vastamente explorado pelas mulheres. Mas nesse aspecto social e político, temos filmes super interessantes como o peruano "A Teta Assustada", de Claudia Llosa. Ainda que ele esteja numa chave mais dramática, vai falar sobre a violência e o trauma dentro do conturbado contexto político pelo qual o país passava nos anos 1980. E a Anita Rocha da Silveira fala de maneira muito interessante sobre o contexto sociopolítico do Brasil de hoje, com a profusão de igrejas pentecostais e como isso pode tolher a liberdade que as mulheres levaram tanto tempo para conquistar.

Qual é a importância de se falar sobre as screen queens, as "rainhas do susto", no atual contexto das representatividades femininas no gênero?

Ao mesmo tempo em que considero importante valorizar o trabalho de atrizes que se especializaram no horror, como Jamie Lee Curtis e Barbara Crampton, considero que esse termo, "screen queen", ficou defasado porque ele remete a personagens sem muita autonomia dentro dos filmes de horror, que estavam sempre sendo assustadas, atacadas, gritando e, finalmente, resgatadas por uma figura masculina. Quando você limita uma personagem ao papel de vítima, geralmente ela não oferece muita profundidade. Hoje, como tenho dito, mulheres e homens vêm escrevendo protagonistas que vão muito além do grito.

A voz visceral de uma juventude plural

Marcelo Rossi/Divulgação

Símbolo de uma geração que fez história no rock brasileiro, Chorão completaria 55 anos neste mês

Por Affonso Nunes

A história do rock brasileiro é atravessada por figuras que definiram épocas. Nos anos 1980, nomes como Renato Russo, Cazuzza e Rita Lee simbolizaram gerações, cada um a seu estilo. Já nos primeiros anos do século 21, surgia com força Alexandre Magno Abrão, que o país conheceria como Chorão — apelido de infância, nascido da sua sensibilidade à flor da pele. Se estivesse vivo, o líder do Charlie Brown Jr. completaria 55 anos neste mês de abril.

O Charlie Brown Jr. quebrou barreiras: foi uma das primeiras bandas de rock a liderar rankings nacionais de rádio e vender mais de 100 mil discos. A mistura sonora da banda, com elementos de rock, reggae, rap, punk e surf music, resultou em hinos como “Proibida pra Mim (Grazon)”, “Ela Vai Voltar”, “Dias de Luta, Dias de Glória”, “Lugar ao Sol” e “Zoi de Lula”. Esse repertório fez de Chorão mais que um frontman — um símbolo de uma juventude em busca de sentido e espaço.

Foi em 1997 que ele e a Charlie Brown Jr. estrearam com “Transpiração Contínua Prolongada”, obra que inaugurou uma nova



Sem medo de expor, Chorão construiu uma conexão fortíssima com os jovens de sua geração

página no rock nacional e deu voz a uma juventude plural, conectada tanto ao skate quanto às inquietações das ruas, do litoral ao sertão.

Compositor compulsivo, Chorão escrevia como quem sangra. Expunha sem filtros suas dores e paixões. Suas letras, quase sempre diretas, tratavam de conflitos pessoais, tensões sociais, paixões tumultuadas e paisagens da vida urbana. A plateia se reconhecia na franqueza de cada verso, cantados com intensidade visceral.

Fosse ao falar de amores perdidos ou da vida noturna, de angústias periféricas ou sonhos de liberdade, Chorão evitava floreios. Preferia a verdade nua, dita com emoção e crueza. Essa entrega toca-

va diretamente em quem o ouvisse.

Pessoas próximas relatam que ele era de extremos — afetuoso ou explosivo, sem meias-palavras. Chorão não tentava agradar; mostrava-se inteiro, humano e imperfeito. E é justamente essa franqueza que ainda cativa tantos fãs. Sem medo de se expor, assumia seus erros, seus vícios e suas contradições. Suas entrevistas eram imprevisíveis, muitas vezes marcadas por declarações que revelavam o artista como ele era: um anti-herói, complexo, mas de uma autenticidade difícil de ignorar.

A música do Charlie Brown Jr. não era feita para as elites. Era feita para quem andava de skate, surfava, vivia nas quebradas e nas calça-

das. Chorão se tornou porta-voz de uma juventude invisibilizada e ajudou a colocar sua cultura na vitrine da mídia.

Era comum vê-lo dividindo o palco com fãs, ajudando amigos, e, ao mesmo tempo, se envolvendo em conflitos públicos. Essa tensão entre generosidade e fúria só reforçava a impressão de que ele era real. Muitos o enxergavam como uma espécie de irmão mais velho, alguém que dizia o que precisava ser dito.

A estética street que Chorão e a banda carregavam virou tendência. Bonés, tênis, bermudas largas e camisetas fizeram escola. Fora da música, o vocalista investiu em marcas próprias, como DO.CE e

La Plata. Após sua morte, foi homenageado por grifes populares, incluindo C&A, QIX e Hering.

A história de Chorão já foi contada em teses, livros, filmes e séries. Seus versos continuam ecoando em playlists, documentários, especiais de TV, podcasts e homenagens de artistas como Marcelo D2, Emicida, Filipe Ret e Criolo.

Chorão morreu em março de 2013, deixando à mostra os efeitos de uma vida marcada por fama, fragilidade emocional e dependência química. Mesmo assim, sua voz ainda é ouvida — entre guitarras distorcidas e batidas aceleradas — como símbolo de resistência e identidade para quem cresceu ao som de sua rebeldia.

Tem brasilidade no pop francês

Gabriella Lima expande suas influências e investe na 'chanson brasileira' em "Sabor Solaire", seu segundo disco autoral

Radicada em Paris há uma década, a cantora e compositora paulistana Gabriella Lima apresenta "Sabor Solaire", seu segundo álbum, lançado nas plataformas de streaming. O trabalho bilíngue reafirma suas raízes na MPB e explora o universo da chanson française, criando uma fusão singular, uma "chanson brasileira".

Com um estilo caracteristicamente pop e contemporâneo, Gabriella não perde de vista sua conexão com a brasilidade. Embora influenciada pela música internacional, ela revisita suas referências da MPB, com nomes como Caetano Veloso e Jorge Ben Jor, infun-

dindo um toque pessoal e autoral nas composições.

O álbum se destaca pela riqueza de suas letras poéticas em português e francês, língua que Gabriella adotou como meio de expressão musical após se estabelecer na França. "O francês é muito literal, diferente da licença poética que temos no Brasil. Isso impacta diretamente nas músicas", explica.

O título "Sabor Solaire" reflete o clima solar e leve do disco, que é um reflexo da nova fase da artista.



Divulgação

apresenta uma versão de "Suivre Le Soleil", sucesso da cantora Vanille, mesclando o clima festivo com a melancolia do inverno parisiense. Já em "Atlântico", a saudade de um amor distante é expressa com delicadeza, sem recorrer ao romantismo tradicional.

Dentre as faixas mais destacadas, "Metamorfose" surge como uma celebração da autossuficiência, com uma sonoridade que mistura percussão, rap e a energia do soul brasileiro.

O álbum também reflete a fusão de culturas, com o toque de afoxé em "Meu Lugar" e a beleza melancólica de "Entre Ça et Là", que explora o dilema existencial de quem se divide entre dois mundos.

O disco fecha com "Mon Inconnu", uma balada emocionante escrita para seu pai, com quem Gabriella nunca teve convivência. A canção, toda em francês, representa um esforço da artista para lidar com o passado e encontrar uma conexão com uma parte de sua história familiar.

cantora e compositora, Gabriella leva elementos da MPB para a música francesa e vice versa

A influência das paisagens paradisíacas transparece em faixas como "Couleur Bonheur", uma canção envolvente que remete a cenários idílicos e à sensação de liberdade.

Com nove faixas e uma música bônus prevista para maio, o álbum inclui colaborações com artistas como Vanille e Léo Middea. Em "Se Me Chamar Eu Vou", Gabriella

Se o álbum anterior, "Bálsamo" (2021), falava sobre rupturas e lutas pessoais, o novo trabalho evoca um momento de reconciliação e serenidade, simbolizado pela sonoridade alegre e otimista. Gabriella descreve o processo de criação como um retorno ao seu "eu", agora mais seguro de suas escolhas musicais.

Parte da inspiração para o disco veio de uma temporada de três meses que a artista passou nas Ilhas Maldivas, onde teve tempo livre durante o dia para compor e criar.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Junto com o ídolo

Gustavo Mioto acaba de lançar a terceira parte do seu EP "Atemporal", já disponível nas plataformas digitais. O trabalho conta com a participação de Fábio Jr., um dos maiores ídolos de Gustavo e sua referência musical desde a infância. "Para mim, é simplesmente surreal ter o Fábio Jr., uma das minhas maiores inspirações, participando deste projeto. Estar ao lado dele neste momento é uma honra imensa", declara Gustavo Mioto. "Não tenho palavras para descrever o quanto esse momento significa para minha carreira", completa.

Divulgação



Divulgação

O pop de Fábio Keldani

Fábio Keldani reafirma sua força como cantor e compositor com o single "Por Faltar um Parafuso em Você". A faixa, disponível nas plataformas digitais, tem repercussão nas redes sociais, refletindo sobre as complexidades dos relacionamentos com uma mensagem leve, bem-humorada e inspiradora. "Não sabemos tudo da vida, mas sabemos nos fazer bem felizes", diz o artista, que também destaca a importância da humildade e da espiritualidade como pilares em sua trajetória, ao falar desta canção que ele define como uma MPB com nuances de pop, traz arranjos modernos e letra sincera.



Divulgação

A hora do 'pagonejo'

Alexandre Pires mostrar sua versatilidade no projeto "Pagonejo Bão", que junta o pagode, estilo que o revelou ao Brasil, com o sertanejo. O primeiro single desta nova fase é a inédita "De Ex pra Ex", gravada com Lauana Prado. A composição de Rodrigo Oliveira, Ruan Soares e Brunno Gabryel, a música fala sobre dois ex apaixonados que, apesar da separação, continuam conectados pelas lembranças, mensagens inesperadas e pela saudade. "Estou ansioso para lançar o 'Pagonejo Bão'. Foram meses de planejamento até ele se tornar realidade", comenta o cantor.

CRÍTICA / RESTAURANTE / AMANA

Prosperidade e cuidado, a melhor receita

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Em tupi-guarani, amana significa chuva, prosperidade — especialmente para os pequenos produtores e burareiros do sistema cabruca (um mecanismo de proteção do bioma da Mata Atlântica). O restaurante Amana, do chef Leonardo Guida, em Icaraí, é mais do que prosperidade: é o espírito de usar com sabedoria e criatividade os recursos.

Fomos eu e a Aline, querida assessora de imprensa — o que tornou o jantar ainda mais especial. Começamos com vieiras com lardo de porco preto e espuma de grana padano. Um presente inesquecível para quem é totalmente time vieiras. O molusco com o porco preto (o melhor tipo!) e a espuma de parmesão criaram sabores fortes e intensos, perfeitamente harmonizados com um drinque de cachaça, geleia de tamarindo e sour mix.

Em seguida, provamos a linguíça de pato com cenouras orgânicas e mostarda de laranja kinkan — a carne vinha

Aldo Barranco/Divulgação



Carpaccio de wagyu com salsa tonnata e molho de atum

dentro da pela da asa. Um verdadeiro petisco. Uma no molho, outra na fechadura. Veio o favorito da Aline: atum com alho negro, edamame (aquela vagem tenra deliciosa) e crocante de alho-francês. E depois o carpaccio de wagyu (a carne premium japonesa), com salsa tonnata (molho de atum em conserva, anchovas, ovos, azeite e limão), tinta de lula e alcaparras sott'olio. Temos que dizer: adoramos tonnata — e o do Léo é o melhor da vida.

Mesmo o que parece simples, como o arroz negro com lula de Arraial do Cabo, sobe às alturas com o romesco, o molho catalão de amêndoas e avelãs torradas, alho assado, tomate salteado, malaguetas secas e pão frito em azeite — tudo batido. A barriga de porco com beterraba, ameixa grelhada e radichio foi a finalização de um menu pensado com criatividade.

As sobremesas, para partilhar: doce de leite com azeite Evo e sal, e o cremeux de iogurte emulsionado com chocolate branco, mostarda de uva e merengue. Recomendo que vá ao Amana. O menu muda frequentemente, o Léo e a sua incrível equipe (Hugo nos drinks, Luiz e Marina na cozinha, Paulo e Gabi no serviço) fazem maravilhas — melhores do que leite Moça

SERVIÇO

AMANA

Rua Nóbrega, 191 - Icaraí, Niterói

Terças e quartas (19h às 23h), quintas, sextas e sábados (19h à 0h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Almoço de Páscoa

O Restaurante Curi, do Venit Hotéis, prepara um almoço especial de Páscoa. Assinado pelo chef Deraldo Bomfim, o buffet vai agradar todos os paladares. Estão lá as entradas como Salada de Páscoa e Tartar de Salmão, além de pratos principais como bacalhau com nata, escalope de mignon ao molho marsala e o espaguete (!) de chocolate. As sobremesas incluem Colomba Pascal, trufas com cachaça, bombom de uva, bavaoise de chocolate na taça, pavê de damasco, além de uma seleção de petit fours recheados de chocolate.

Divulgação

Divulgação



Menu tailandês

Inspirada por sua viagem recente à Tailândia, a chef Ana Carolina Garcia criou um menu especial para o Songkran 2025 no premiado Câm O'n Thai Food. De 15 a 17 de abril na Barra e em Botafogo, o menu homenageia sabores autênticos tailandeses com entradas, pratos principais e sobremesas, como a Tom Yum com noodles e a autoral Lava Toast estilo Banoffee. Ana, uma chef única, consegue os ingredientes originais. Há também opções à la carte, como pad thais e curries. Reservas via Instagram a partir das 18h. Menu completo para dois por R\$ 253.

Divulgação



Delícias geladas

A Sorvete Brasil apresenta uma edição especial para Páscoa. Chocolate com praliné de amendoim e caramelo salgado é um aexplosão de texturas e contrastes. O chocolate se une ao crocante praliné de amendoim, enquanto o toque de caramelo salgado equilibra a doçura e intensifica a experiência. Já o 2 Chocolates, com mescla de morangos, une a cremosidade do chocolate ao leite e do chocolate branco com a suavidade e frescor dos morangos, criando um sorvete aveludado e cheio de personalidade. Um verdadeiro convite para uma experiência sensorial inesquecível.



Conheça as melhores técnicas para dessalgar o pescado que reina nas mesas brasileiras na Semana Santa

Por Affonso Nunes

Com a proximidade da Semana Santa, volta também a tradição de preparar bacalhau na ceia da Sexta-feira Santa. Embora existam hoje opções práticas, como o peixe já dessalgado e congelado, muitos ainda preferem seguir o rito original: comprar o bacalhau salgado e cuidar pessoalmente do processo de dessalga, etapa essencial para garantir sabor e textura ideais.

Mais do que um ingrediente, o bacalhau carrega séculos de história. Sua fama começou a se consolidar na Europa medieval, quando os métodos de conservação — como a salga e a secagem — permitiam que o peixe cruzasse oceanos e chegasse a mercados distantes sem perder qualidade.

Os portugueses logo se tornaram os maiores entusiastas desse pescado, desenvolvendo uma relação afetiva e gastronômica que dura até hoje. Era o “fiel amigo”, presente à mesa mesmo nos dias de jejum religioso, quando o consumo de carnes era proibido. No Brasil, esse costume foi herdado e adaptado, principalmente em datas como a Páscoa e o Natal.

Seja o legítimo *Gadus morhua* — o tipo mais valorizado, originário da Noruega — ou variantes como *saithe*, *ling* ou *zarbo*, o primeiro passo para o preparo é sempre o mesmo: eliminar o excesso de sal. O procedimento exige apenas atenção, tempo e alguns cuidados simples. Primeiro, é preciso lavar o peixe sob água corrente para remover a camada ex-

Páscoa rima com bacalhau



Divulgação

Imagem gerada por IA

TEMPOS DE DESSALGUE RECOMENDADOS

Bacalhau desfiado: 6 horas
(trocar a água de 3 em 3 horas)

Postas normais: 24 horas
(trocar a água de 6 em 6 horas)

Postas grossas: 40 horas
(trocar a água de 8 em 8 horas)

Postas muito grossas: 48 horas
(trocar a água de 8 em 8 horas)

Lombos muito grossos: 72 horas
(trocar a água de 8 em 8 horas)

Fonte: Conselho Noruegues da Pesca



terna de sal. Em seguida, ele deve ser colocado em uma vasilha com água fria — de preferência com gelo — e mantido na geladeira. O frio constante ajuda a conservar o alimento e acelera o processo, preservando suas características.

A proporção ideal é de duas partes de água para cada parte de bacalhau. Durante o período de

dessalga, recomenda-se trocar a água pelo menos duas vezes ao dia. Sempre que possível, use uma nova vasilha limpa para evitar a reutilização de resíduos acumulados.

O tempo necessário para completar o dessalga depende da espessura das postas. Peixes mais finos exigem poucas horas de molho, enquanto cortes mais grossos podem

demorar dias. Um bom indicativo de que o processo foi bem-sucedido é o sabor da última água (que deve estar neutra) e o gosto da parte mais espessa da posta (que deve estar apenas suavemente salgada).

Depois de dessalgado, o bacalhau ganha cerca de 30% em peso e volume. Pode então ser congelado novamente, o que permite

O vinho é a bebida que melhor harmoniza com o bacalhau, mas a escolha das uvas está relacionada aos ingredientes e modos de preparo do pescado

organizar o preparo com antecedência e praticidade.

Para acompanhar esse prato, o vinho é, sem dúvida, a escolha de bebida mais certa. A harmonização ideal depende do modo de preparo. Receitas com azeite, alho e batatas pedem vinhos brancos mais estruturados, como o Alvarinho ou o Encruzado, típicos portugueses. Já pratos com natas, creme de leite ou queijos combinam bem com brancos encorpados, como o Chardonnay com passagem por barrica. Se a receita incluir tomate, a acidez do molho harmoniza melhor com tintos leves e frutados, como o Pinot Noir ou um bom Dão português. Para versões assadas mais rústicas, o tinto do Vale do Douro com uvas como Touriga Nacional ou Tinta Roriz são escolhas clássicas.

Independentemente da receita, o segredo é buscar equilíbrio entre o sal do peixe, os ingredientes da preparação e o estilo do vinho — criando uma combinação que respeite a tradição e valorize o paladar.